

## INDIVIDUAÇÃO EXISTENCIAL, HISTORICIDADE E O ENIGMA DO MOVIMENTO<sup>1</sup>

### EXISTENTIAL INDIVIDUATION, HISTORICALITY, AND THE ENIGMA OF MOVEMENT

Róbson Ramos dos Reis<sup>2</sup>

Recebido em: 02/2019

Aprovado em: 05/2019

**Resumo:** A analítica existencial de *Ser e tempo* interpretou a existência humana como sendo determinada por possibilidades existenciais, mas não elaborou um conceito de individuação existencial. No presente artigo, delinheiro uma interpretação da noção existencial de individuação com base na historicidade da existência. Minha hipótese é a de que o acontecer da existência pessoal é a formação de individuação no modo de ser da existência. Na análise existencial da estrutura formal da mobilidade, Heidegger identificou um limite que foi chamado de o enigma do movimento. Sem pretender resolver ou eliminar esse enigma, apresento uma análise da dimensão modal da mobilidade histórica da existência, no intuito de abrir uma nova perspectiva para desenvolver uma noção existencial de individuação.

**Palavras-chave:** Heidegger. Individuação. Historicidade. Movimento. Modalidade.

**Abstract:** In the existential analytic of Being and Time, Heidegger interpreted human existence as determined by existential possibilities. However, a corresponding concept of existential individuation was not presented. In this article, I outline an interpretation of the existential notion of individuation based on the historicity of existence. My hypothesis is that the occurrence of personal existence is the formation of individuation in the mode of being of existence. Over the course of his existential analysis of the structure of the historical movement, Heidegger identified a limit that was called “the enigma of movement”. Without intending to solve or eliminate this enigma, I present an analysis of the modal dimension of the historical mobility of existence, in order to open a new perspective for developing an existential notion of individuation.

**Keywords:** Heidegger. Individuation. Historicity. Movement. Modality.

É bem conhecido que, no projeto da ontologia fundamental de *Ser e tempo*, são reconhecidos diferentes sentidos ou modos de ser. O termo “existência”, por exemplo, designa as condições de identidade que discriminam o modo próprio de determinação e individuação

---

<sup>1</sup> Este trabalho recebeu o apoio do CNPq.

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia, Professor Titular no Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria, [robsonramosdosreis@gmail.com](mailto:robsonramosdosreis@gmail.com). Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil.

dos seres humanos.<sup>3</sup> Entes que desfrutam desse modo de ser não são determinados por características de estado, mas por possibilidades existenciais.<sup>4</sup> Em consonância com essa maneira de entender a determinação, resulta uma concepção muito peculiar de individuação. Dado que Heidegger não elaborou explicitamente em *Ser e tempo* uma teoria existencial da individuação, o desenvolvimento desse tema precisa ser interpretativo. Nesse sentido, minha hipótese é a de que a abordagem existencial da individuação deve ser elaborada no domínio da historicidade. “Indivíduo histórico” é, pois, um pleonasma, porque o acontecer histórico é a forma da individuação no modo de ser da existência. Iniciarei com a reconstrução da delimitação da situação hermenêutica de interpretação dos fenômenos históricos. A seguir, apresentarei resumidamente a análise existencial dos fenômenos históricos, para destacar um traço formal de sua historicidade: o movimento.<sup>5</sup> No entanto, a construção da historicidade apresentada em *Ser e tempo* chega a um limite: o enigma do movimento. A respeito disso, ressaltarei a dimensão modal da dinâmica histórica, no intuito de visualizar um aspecto que compõe o enigma do movimento. Ao final, tornar-se-á evidente a complexidade envolvida numa teoria existencial da individuação, que precisa integrar tanto uma dinâmica modal não causal quanto um movimento na compreensão que torna acessíveis os modos de ser. Desse modo, o enigma do movimento não é solucionado, mas, ao contrário, é aprofundado com os problemas suscitados na interpretação da estrutura modal da individuação histórica.

### **A situação hermenêutica do problema da historicidade da existência**

O problema da historicidade é introduzido em *Ser e tempo* com uma cuidadosa reflexão metodológica. Inicialmente, uma avaliação meta-analítica revela a incompletude da investigação sobre a maneira em que um ser humano alcança totalização ou integridade. Tendo elaborado a noção existencial de totalidade com base no fenômeno originário da morte (a relação com o fim), a análise teria alcançado uma genuína clareza ontológica. No entanto, esse resultado é parcial, porque não considerou os fenômenos do nascimento e da extensão entre nascimento e morte (HEIDEGGER, 1977, p. 493). O esforço para superar tal unilateralidade deve incluir, por conseguinte, uma abordagem do nascimento e do interstício entre nascimento e morte. Tal esforço enfrenta-se, porém, com a dificuldade fundamental de que o horizonte

---

<sup>3</sup> Neste artigo, entendo as noções de modo ou sentido de ser de acordo com a interpretação de Cerbone (1999), segundo a qual a noção de sentido de ser designa as condições de identidade dos entes.

<sup>4</sup> Sobre o conceito de possibilidade existencial, ver Reis (2014).

<sup>5</sup> Sobre o tema da historicidade na analítica existencial ver Ruin (1994), Crowel (2004) e Walton (2015).

interpretativo e os recursos categoriais exigidos precisam estar adequados ao modo de ser da existência. Caso essa orientação metodológica não seja observada, então o problema de uma genuína análise ontológica do estender-se da existência humana não estará sequer fixado.

Essa é a dificuldade básica presente na interpretação usual da existência. Nela, o ser humano é situado no horizonte do modo de ser da subsistência (*Vorhandenheit*), sendo concebido como algo dotado de propriedades que subsiste num tempo serial. Com os conceitos de fato e evento, nascimento e morte são descritos como o primeiro e o último evento numa série temporal, que dão início e fim ao acontecer da vida humana. Na medida em que alguém vive, seu nascimento é um fato passado e sua morte é um evento futuro. O nascimento é um acontecimento não mais efetivo, que se tornou um fato necessário, e a morte é um evento ainda não efetivo, mas possível. Concebidos nesse horizonte e com esses recursos conceituais, o problema do desenvolvimento da vida humana entre o nascimento e a morte é elaborado como a pergunta sobre como se forma uma trama única de fatos, acontecimentos ou vivências que perfazem a singularidade da vida pessoal. Daqui resulta o problema de como elucidar o preenchimento de um marco com as fases e vivências da vida, marco este delimitado por dois eventos não efetivos: o nascimento passado e a morte futura. Dado que se considera efetivo apenas o que é atual num momento ou intervalo na série temporal, surge a questão de explicar a trama de vivências não efetivas com as efetivas, delimitadas terminalmente por dois eventos que, ao seu modo, não são efetivos (HEIDEGGER, 1977, p. 493-494).

Na avaliação de Heidegger, essas questões resultam de um horizonte e de recursos conceituais que não permitem nem mesmo fixar a genuína problemática da análise ontológica do estender-se humano entre nascimento e morte (HEIDEGGER, 1977, p. 494). Ao contrário, esse problema será adequadamente fixado em uma situação hermenêutica que não vise o ser humano como algo subsistente num tempo serial, mas como dotado do modo de ser da existência. Dessa forma, o nascimento, a morte e o estender-se de alguém entre esses dois limites serão concebidos como fenômenos existenciais. A primeira consequência dessa mudança é que “nascimento” deixa de designar um acontecimento não mais efetivamente subsistente, assim como “morte” não se refere a algo não efetivo e ainda não subsistente. Além disso, o existente humano não é entendido como algo momentaneamente real e efetivo num lapso temporal, circundado pela não efetividade de seu nascimento e morte. Nessa situação hermenêutica, um ser humano não é compreendido como a soma de realidades momentaneamente efetivas, cuja sucessão preencheria progressivamente um trecho de vida rodeado por nascimento e morte.

A segunda consequência é uma determinação positiva. Sendo fenômenos existenciais, nascimento e morte são efetivos no existir de alguém, não estando situados em pontos exteriores ao acontecer da existência. Enquanto alguém existe facticamente, também existem sua morte e seu nascimento. Isso significa que esses fenômenos possuem determinações existenciais, ou seja, é o cuidado (*Sorge*) que fornece as características próprias do nascimento, da morte e do interstício entre ambos:

Ambos os “fins” e seu “entre” são, enquanto o ser-aí existe facticamente, e são do único modo como isso é possível: com base no ser do ser-aí como cuidado. Na unidade de estar-lançado (*Geworfenheit*) e de ser-para-a-morte, fugidio e precursor, nascimento e morte se “conectam” em conformidade com o ser-aí (*daseinsmässig*). Como cuidado, o ser-aí é o “entre” (HEIDEGGER, 1977, p. 495).

Considerando que o “cuidado” opera na analítica existencial como uma noção mereológica, designando um tipo específico de totalidade, a declaração citada implica que nascimento e morte são fenômenos relacionais conectados. A determinação fornecida pelo cuidado significa, portanto, que nascimento e morte não devem ser entendidos como fenômenos independentes e separados, mas perfazem uma unidade. Assim sendo, além de conceber o nascimento e a morte como classes especiais de possibilidades existenciais que condicionam integralmente o existir humano, a interpretação existencial implica que nascimento e morte existem em dependência relacional e não separadamente. Não se trata de uma dependência causal, como se poderia supor num marco determinista, mas de uma dependência qualificada pelo modo de ser da existência.<sup>6</sup> Em relação ao que se passa entre o nascimento e a morte, a determinação a partir do cuidado implica que não se trata da formação de uma totalidade pela adição de partes, uma composição por soma. Dado que o cuidado designa uma totalidade presente, o existir condicionadamente por nascimento e morte é uma dinâmica de extensão (*Erstreckung*) no todo que já é cada ser humano. Existir entre nascimento e morte não é preencher um trecho, mas estender-se, prolongar-se como totalidade já formada. A afirmação de que o cuidado é o “entre” nascimento e morte significa, portanto, que o estender-se da existência não acontece em um marco ou trecho exterior ao modo de ser da existência, por exemplo, na vida biológica ou na dinâmica físico-química, mas é a extensão existencial

---

<sup>6</sup> A elucidação da natureza dessa relação de dependência exige não apenas uma análise dos conceitos existenciais de nascimento e morte, mas também do tipo de unidade mereológica própria ao modo de ser da existência. Sobre os conceitos de morte e nascimento, ver, respectivamente: Thomson (2013), O’Byrne (2013) e Reis (2004). Sobre a mereologia existencial, ver Øverenget (1996).

inteiramente condicionada pelas estruturas unificadas no cuidado.

Em suma, a situação hermenêutica adequada para interpretar o estender-se da existência entre nascimento e morte contém uma rede conceitual derivada da análise ontológica do cuidado. No entanto, a analítica existencial mostrou que há um nível adicional ao da totalidade de estruturas existenciais designada pelo conceito de cuidado: o plano da temporalidade originária. A temporalidade representa o fundamento da *unidade* de estruturas que é o cuidado. Por conseguinte, os fenômenos do nascimento, da morte e da mobilidade extensiva que acontece entre ambas precisa ser posto no horizonte da temporalidade originária (HEIDEGGER, 1977, p. 495). A natureza ekstático-horizontal da temporalidade originária oferecerá, no entanto, determinações temporais muito peculiares para os fenômenos do nascimento, da morte e do estender-se da existência.

Na nova situação hermenêutica, por conseguinte, o problema da historicidade é formulado como sendo a investigação sobre as estruturas e as respectivas condições de possibilidade do acontecer da existência humana. Nesse contexto, o acontecer da existência humana é entendido como uma classe especial de movimento. É a dinâmica do estender-se da existência na qual mobilidade e permanência formam a constância singular de cada ser humano. A pergunta pelas condições de possibilidade da estrutura dessa dinâmica existencial é, em suma, o problema da historicidade (HEIDEGGER, 1977, p. 495-496). Posto isso, a operação construtiva na análise fenomenológica da historicidade inicia propriamente com a identificação dos fenômenos integrantes do campo histórico.

### **Fenômenos históricos**

O problema da historicidade é desenvolvido com a operação de “construção fenomenológica” (HEIDEGGER, 1977, p. 497). Esse procedimento consiste em contrapor-se à interpretação usual da história, apelando para os resultados gerais da analítica existencial, a saber: a interpretação do poder-ser total do *Dasein* e a análise do cuidado como temporalidade. Um ganho inicial dessa construção é a delimitação hierárquica do âmbito dos fenômenos históricos. Nesse campo, há os entes primariamente históricos e aqueles que são secundariamente históricos. Primariamente históricos são os seres humanos, mas entendidos como dotados do modo de ser da existência, ou seja, constituídos como ser-aí, ser-no-mundo, cuidado e temporalidade originária. Os entes que vêm ao encontro no mundo são secundariamente históricos. Por exemplo, os utensílios em sentido amplo e a natureza

experimentada no mundo circundante são qualificados como históricos. Porém, a historicidade dessa classe de entes é derivada de sua pertinência a mundo. Dado que “mundo” designa uma determinação ontológica dos entes que são ser-aí, resulta uma relação de dependência entre os entes primária e secundariamente históricos (HEIDEGGER, 1977, p. 504).

Em relação aos entes primariamente históricos, a historicidade designa a estrutura do acontecer da existência. Essa mobilidade é investigada no âmbito concreto do cuidado e da temporalidade originária. Nesse sentido, a partir da qualificação formal do existir em termos de existência autêntica e inautêntica (e de suas correspondentes interpretações temporais), surge a distinção entre uma historicidade autêntica e inautêntica. Elas são interpretadas por Heidegger como diferentes modos de temporalização ekstático-horizontal.

O existir autêntico foi apresentado em *Ser e tempo* como uma decisão precursora. É a projeção em possibilidades existenciais com base no reconhecimento da estrutura do débito, isto é, o projetar-se que assume a negatividade de toda possibilidade existencial. A antecipação da morte (entendida existencialmente como a possibilidade da impossibilidade) é também uma decisão na situação fáctica. A decisão assume a vinculação de dependência a um campo intencional já desvelado. A projeção que é operada a partir do colapso das possibilidades movimenta-se para uma decisão por possibilidades existenciais, as quais são recebidas na transmissão de uma herança de possibilidades. Desse modo, é subtraída a casualidade da projeção em possibilidades, e a existência adquire a unicidade e a necessidade do destino.<sup>7</sup> Em termos resumidos, o acontecer originário, a historicidade autêntica, consiste na entrega, a partir da liberdade para a morte, a uma possibilidade existencial herdada e escolhida. Dado que a existência é socialmente constituída, o acontecer da existência pessoal é o acontecer em conjunto com outros. Existir como destino é acontecer em conjunto com uma geração e numa comunidade. Acontecer como destino comum representa, segundo Heidegger, o autêntico e pleno acontecer do *Dasein* (HEIDEGGER, 1977, p. 507-508; p. 510).

A historicidade inautêntica, por sua vez, consiste na maneira em que acontece o estender-se da existência no modo impróprio. Nesse caso, alguém projeta-se em possibilidades existenciais que são determinadas pelas ocupações com utensílios intramundanos e nos empreendimentos e negócios associados. A projeção em tais possibilidades acontece sem uma decisão precursora e sem a escolha de possibilidades herdadas, mas de um modo impessoalmente regulado. Isso significa que a historicidade inautêntica é caracterizada por uma dispersão na multiplicidade de ocupações, sem que aconteça a constância e a necessidade

---

<sup>7</sup> Sobre a relação entre necessidade e destino, ver Reis (2016).

características do existir como destino. Considerando que a formação do destino é fruto da decisão que assume uma herança de possibilidades existenciais, na historicidade imprópria não há uma participação escolhida em tal herança, mas o destino alcançado provém das ocasiões e circunstâncias que são aguardadas nas ocupações cotidianas. Dessa forma, há um esquecimento da herança de possibilidades e o já ocorrido na própria existência é compreendido como um passado factual e não como possibilidade existencial. O passado é retido como factualidade a partir de presente atualizado como familiar e habitual. Nesse caso, o existir socialmente junto com outros existentes, o pertencer a uma geração, não acontece como participação em um destino comum de uma comunidade. Na historicidade imprópria, o pertencimento à geração acontece como submissão à interpretação ocorrida que circula impessoalmente como evidente (HEIDEGGER, 1977, p. 512, 515; p. 517).<sup>8</sup>

A caracterização da historicidade imprópria já indica a presença dos entes secundariamente históricos. O acontecer da existência é também o acontecer de um ente constituído como ser-no-mundo. O termo “mundo”, expressando o conceito fenomenológico de mundo, refere-se a um todo de relações de significatividade finalizado em possibilidades existenciais. Além disso, “mundo” também designa um horizonte de determinação do aparecer significativo de entes. Assim, o acontecer da existência é uma mobilidade que afeta o mundo enquanto horizonte relacional de significatividade. Segue-se, pois, que o acontecer de mundo é condicionante de um acontecer que ocorre com os entes descobertos no mundo. Portanto, também os entes que aparecem no mundo possuem história. Processos, acontecimentos, utensílios, os produtos de seu uso, construções e instituições são entes que, ao estarem descobertos no mundo, sofrem um acontecer histórico. Essa classe de fenômeno histórico é chamada o mundi-histórico (*das Welt-geschichtliches*). Nesse fenômeno, há dois aspectos indissociáveis, mas que devem ser distinguidos. De um lado, há o acontecer de mundo conjuntamente com o acontecer histórico do ser humano, o que implica a admissão de uma historicidade no horizonte de significatividade. De outro, há também o acontecer que se passa com os entes descobertos a partir de mundo. Como resultado, os entes disponíveis, os entes subsistentes e a natureza são dotados de uma historicidade própria, mas que é dependente da historicidade primária dos entes que são *Dasein* (HEIDEGGER, 1977, p. 513-514).<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> Sobre a relação entre o conceito de geração e a regulação impessoal da compreensão que opera na historicidade inautêntica, ver Heidegger (2004, p. 87-90; 2016a, p. 153).

<sup>9</sup> Em *Ser e tempo*, Heidegger refere-se à historicidade de entes intramundanos que têm o modo de ser da subsistência (*Vorhandenheit*) e da disponibilidade (*Zuhandenheit*), mas não o modo de ser da vida. Em princípio, não é inconsistente supor que também animais e plantas possuem uma historicidade derivada de mundo e da existência. Contudo, a vida representa um problema especial, caso se admita que animais, plantas e espécies vivas

## O enigma da mobilidade

A precedente apresentação dos fenômenos históricos identificados na analítica existencial é suficiente para ressaltar uma característica formal que é própria da historicidade em geral. Além de exemplificarem uma relação de dependência ontológica, dado que a historicidade do mundi-histórico é uma função da historicidade de mundo e da existência, os fenômenos históricos são fenômenos de movimento. A historicidade é um acontecer. Ela é, portanto, movimento. Nas *Conferências de Kassel*, o ponto é claramente fixado:

História designa um acontecer que somos nós mesmos e no qual estamos implicados. Há uma diferença entre história e movimento dos astros, por exemplo. Apenas em um sentido muito amplo há também uma história do mundo. Formalmente, história é um tipo determinado de movimento... Para uma determinação científica da história seria necessário agora uma delimitação em relação ao movimento. Porém, aqui precisamos nos contentar com algumas indicações. Antes distinguimos ser-subsistente (*Vorhanden-Sein*) e ser-no-mundo (*In-der-Welt-Sein*). Movimento é o conceito mais amplo, ele visa o fenômeno da mudança, do trânsito de... a...; os movimentos transcorrem no mundo. História acontece comigo mesmo; eu sou este acontecer (HEIDEGGER, 2016a, p. 152-153).

Heidegger afirma que, de um ponto de vista formal, história é um tipo de movimento. Em relação aos fenômenos primariamente históricos, o aspecto dinâmico é evidente, pois história designa o acontecer da existência entre nascimento e morte. Esse acontecer foi descrito não em termos de uma adição serial de vivências, mas como uma extensão, um prolongar-se, um estender-se. Como foi visto, o estender-se na unidade do cuidado designa uma mobilidade e uma estabilidade, um prolongar-se e um reter-se numa constância de si mesmo (*Selbstständigkeit*). É, portanto, uma mobilidade entre dispersão (*Zerstreuung*) e constância de si mesmo em meio às possibilidades existenciais. Em relação aos fenômenos secundariamente históricos – os entes intramundanos –, seria natural distinguir o movimento de mundo (dependente, mas não idêntico ao movimento da existência) do correspondente movimento dos entes intramundanos. Assim, a historicidade de utensílios, de entes naturais no mundo circundante, de instituições etc. corresponde a um tipo determinado de movimento. Trata-se do movimento intramundano dos entes disponíveis e dos subsistentes. A respeito da mobilidade

---

possuam uma historicidade autônoma, tal como o próprio Heidegger chegou a considerar (HEIDEGGER, 1983, p. 386).



que afeta os entes intramundanos, lê-se em *Ser e tempo* que ela encontra-se numa condição de completa falta de esclarecimento:

O que “acontece” com utensílio e obra como tais tem um caráter de mobilidade que até agora permaneceu inteiramente na obscuridade. Por exemplo, um anel que “é entregue” e “se carrega” não experimenta simplesmente, neste ser, mudanças de lugar. A mobilidade do acontecer, na qual algo “acontece com ele” não pode ser apreendida de modo algum a partir do movimento como mudança de lugar. Isto vale para todos os “processos” e acontecimentos mundi-históricos e também de certo modo para “catástrofes naturais” (HEIDEGGER, 1977, p. 514).

A passagem oferece apenas uma caracterização negativa, ao sustentar que a mobilidade dos entes mundi-históricos não pode ser conceitualizada a partir da noção física de movimento. Contudo, em relação à determinação positiva da mobilidade específica desses entes históricos, não haveria ainda esclarecimento. Há também uma obscuridade completa. Heidegger reconhece, por conseguinte, um problema específico na estrutura histórica dos entes mundi-históricos. O uso do qualificativo “neste ser” (*in diesem Sein*), no exemplo da mudança experimentada por um anel ao ser entregue e usado, sugere que o movimento deve ser situado no plano das condições de identidade, isto é, do ser dos entes mundi-históricos. Na sequência imediata da passagem citada, é reconhecido que o propósito de referir-se a esse tema não visava o aprofundamento da questão, mas a condução perante um enigma:

Não é possível aprofundar aqui o problema da estrutura ontológica do acontecer mundi-histórico, porque – abstraindo do fato de que isto implicaria ultrapassar os limites do nosso tema – o propósito desta exposição é o de conduzir ante o enigma ontológico da mobilidade do acontecer em geral (HEIDEGGER, 1977, p. 514).

Salvo melhor juízo, Heidegger não qualificou como enigma ontológico (*ontologische Rätsel*) a estrutura da mobilidade dos entes primariamente históricos. Nas *Conferências de Kassel*, ele sustentou que o movimento histórico na existência (antecipação precursora que descobre o passado) não era uma simples mudança ou uma sequência de eventos, porque cada existente, ao pôr-se adiante de si mesmo, é este mesmo acontecer (HEIDEGGER, 2016a, p. 153). Na interpretação detalhada da estrutura da mobilidade existencial há, no entanto, a identificação de um enigma, a saber, a razão pela qual o passado existencial possui uma preponderância na determinação da historicidade, a despeito de ser tão originário como o presente e o futuro existenciais (HEIDEGGER, 1977, p. 504). A nomeação de um enigma

especial e determinante aparece, contudo, ao final da apresentação dos modos autêntico e inautêntico da historicidade do *Dasein*:

A interpretação existencial da historicidade do ser-aí resvala constantemente, sem se aperceber, para as sombras. As obscuridades são difíceis de dissipar, porquanto não se distinguiu ainda as possíveis dimensões do questionamento adequado e porque em todas elas opera o *enigma do ser* e – como agora ficou claro – o do *movimento* (HEIDEGGER, 1977, p. 517).

Observa-se que, aqui, a expressão “enigma do movimento” está usada em conjunção com “o enigma do ser”. Ambos os enigmas atuam de modo determinante na própria investigação ontológica sobre a historicidade, sendo responsáveis pela falta de distinção das dimensões de um questionamento correto. Esse seria o fator explicativo das obscuridades na interpretação da historicidade do *Dasein*. Em resumo, além do enigma do ser, para o qual está voltado todo o projeto da ontologia fundamental, há também o enigma do movimento. Alcançado esse ponto crítico, a hipótese de elucidar a individuação existencial por recurso à análise da mobilidade histórica também encontra um limite importante. O enigma do movimento implica o enigma da individuação. Contudo, um passo interpretativo adicional na análise da estrutura formal do movimento histórico permite abrir uma nova perspectiva para o entendimento do sentido do enigma do movimento. Esse passo vai ao encontro da dimensão modal do movimento histórico.

### **A estrutura modal do movimento histórico na existência**

A decisão é o cerne do movimento na existência. Nela podem ocorrer modificações. A decisão na historicidade inautêntica é, de fato, uma delegação em que o indivíduo transfere a decisão sobre sua própria existência para a interpretação ocorrida que vigora no plano impessoal da geração. A decisão autêntica, por seu turno, acontece a partir de uma especial compreensão que a pessoa tem de si mesma. É aquela compreensão unívoca e precisa de si mesmo a partir da antecipação da morte (no sentido estritamente existencial do termo), ou seja, é uma compreensão de si a partir do colapso da significatividade. De acordo com a interpretação do fenômeno existencial da morte, na condição de desvinculação de toda possibilidade evidencia-se a negatividade ou finitude do possível existencial. Assim, a decisão autêntica acontece a partir da assunção da finitude ou negatividade das possibilidades existenciais. Essa modificação afeta o aspecto epistêmico e eletivo da decisão. É o que se lê na seguinte afirmação: “Quanto

mais autenticamente o ser-aí se decide [...], tanto mais inequívoco e não contingente é o encontrar eletivo da possibilidade de sua existência. Somente o adiantar-se para a morte elimina toda possibilidade contingente e ‘provisória’” (HEIDEGGER, 1977, p. 507).

A passagem citada estabelece uma relação de dependência entre a autenticidade da decisão e a modalidade da descoberta e escolha de uma possibilidade. Há uma dupla modificação que afeta o traço epistêmico e eletivo da decisão, sendo que uma delas possui uma natureza modal. Na decisão autêntica acontece a abertura de um horizonte de possibilidades herdadas. Nela, o encontrar e escolher uma possibilidade não acontece de modo ambíguo e contingente, como é o caso na decisão inautêntica, mas, sim, de maneira inequívoca (*eindeutig*) e não contingente (*unzufällig*). Pode-se afirmar, portanto, que o encontro eletivo de uma possibilidade para a existência é exposto a uma variação em sua modalidade: do ambíguo-contingente para o inequívoco e não contingente. É a mudança da escolha contingente para a necessária. De outro lado, a antecipação da morte promove uma seleção no âmbito das possibilidades acessíveis, porque elimina toda possibilidade contingente e “provisória”. A decisão precisa e não contingente fica com possibilidades não contingentes e permanentes. Resulta evidente, em suma, que a mobilidade autêntica na existência consiste em uma decisão que retira a ambiguidade e a contingência da escolha e também das possibilidades escolhidas. Pode-se dizer que a historicidade existencial é uma dinâmica que introduz necessidade no domínio do possível existencial. Mesmo que essa conclusão seja carente de justificação, é certo, porém, que a historicidade existencial é uma dinâmica dotada de uma característica modal: a perda da contingência na escolha e também na possibilidade existencial.

Assim como no aspecto epistêmico-eletivo, também no elemento transmissivo da decisão reside uma dimensão modal. A decisão autêntica é a projeção em uma possibilidade existencial em que outra pessoa se projetou em sua própria existência. Na decisão por essa possibilidade herdada, ocorre um prolongamento que dá continuidade e transmite uma herança. A transmissão pode ocorrer em dois modos básicos: com ou sem um saber exposto sobre a origem das possibilidades. Esse saber não é um conhecimento teórico, mas uma compreensão hermenêutica que é concomitante a toda projeção em possibilidades. Dado que a decisão legatária acontece numa situação em que está aberto um horizonte de possibilidades do passado, nela vigora uma compreensão transmitida do ser-aí que nelas se projetou. Quando a possibilidade existencial em que alguém se projeta é haurida expressamente da compreensão transmitida, tem-se uma transmissão explícita. A decisão que transmite expressamente é a repetição ou retomada (*Wiederholung*) de uma possibilidade herdada. Ela é o modo exposto

da decisão legatária de uma herança existencial (HEIDEGGER, 1977, p. 509-510).

Esse modo da decisão transmissiva de uma possibilidade herdada não consiste apenas em uma modificação na condição epistêmica de um indivíduo, mas é uma maneira em que ocorre a transmissão da herança. Esse modo é descrito genericamente como uma renovação, uma religação. É a retomada de uma possibilidade transmitida de existência, um retorno às possibilidades do ser-aí já acontecido. É a retomada do possível (*Wiederholung des Möglichen*) (HEIDEGGER, 1977, p. 509). Retomar o possível, por outro lado, não consiste em restaurar um passado, no sentido de que, ao decidir-se numa situação presente, alguém fizesse novamente um vínculo com um passado já não mais efetivo a fim de deixar retornar exatamente o que outrora foi efetivo. A retomada de uma possibilidade existencial acontecida no passado não é, por assim dizer, a clonagem de uma factualidade outrora efetiva, a repetição de uma efetividade. Retomar o possível é corresponder a um passado existencial, mas no modo de uma resposta (*Erwiderung*) à possibilidade de uma existência acontecida. Como resposta, a retomada tem o sentido geral de acolher uma interpelação, um atender que entra em consonância com uma possibilidade de uma existência já acontecida. Simultaneamente, a resposta ao possível de uma existência passada também é uma modificação no que, contemporaneamente àquele que se decide, segue atuando como sendo o passado (HEIDEGGER, 1977, p. 510).

A dimensão modal nessa modificação na maneira de transmissão de uma herança é visível em dois aspectos. Primeiro, a retomada do passado existencial não é a recuperação de uma efetividade de outrora, mas é a resposta a possibilidades de uma existência acontecida. O que retorna não são efetividades, mas possibilidades existenciais. Segundo, a ligação ao possível acontecido é uma modificação na situação hermenêutica da decisão, mais exatamente na interpretação ocorrida que entende o passado existencial como um conjunto de fatos ou efetividades. Portanto, uma existência que se decide a partir do ser-para-a-morte vincula-se renovadamente ao possível existencial *como* possível. Simultaneamente, tal vinculação interpela a interpretação vigente que compreende o passado de uma existência em termos de factualidade efetiva. Nos dois aspectos, ocorre uma mudança na relação intermodal, com a retomada projetiva e interpretativa da primazia do possível sobre o efetivo na existência.

A dimensão modal do movimento existencial também é visível na historicidade inautêntica. No acontecer inautêntico, não há uma decisão que transmita, implícita ou expressamente, uma herança de possibilidades. Inconstante e disperso em possibilidades das ocupações, um indivíduo atualiza o contemporâneo na expectativa do novo e com o esquecimento do antigo. Por conseguinte, ele não consegue relacionar-se com o

existencialmente acontecido, ou seja, não tem uma ligação com o passado existencial em termos de possibilidades. No modo inautêntico, a identidade existencial é regulada pelo impessoal e está fechada para a possibilidade. Ao contrário, o passado é haurido primariamente dos entes mundi-históricos, sendo preservado nos restos e relatos daquilo que então foi efetivo. O passado, além disso, é compreendido a partir do presente, que é interpretado, por sua vez, como a factualidade do efetivo (HEIDEGGER, 1977, p. 517). Na historicidade inautêntica, em suma, vigora projetiva e interpretativamente o primado do efetivo sobre o possível.

Em resumo, a dimensão modal do movimento na historicidade da existência perpassa os dois momentos da decisão: o aspecto epistêmico-eletivo e a expressividade da transmissão da herança. A historicidade autêntica é a retirada da contingência na descoberta eletiva de uma possibilidade, bem como a exclusão das possibilidades contingentes abertas na situação. A transmissão explícita de uma herança, por sua vez, é a retomada do possível e a vinculação ao passado, preservando as possibilidades *como* possibilidades existenciais. Além disso, a retomada é a formação de uma diferença crítica em relação à interpretação usual que entende o passado como uma efetividade não mais presente.

Pode-se concluir, portanto, que o acontecer autêntico na existência é a integral dominância do possível sobre o efetivo. Como transmissão que se vincula a uma possibilidade herdada, a retomada assume a possibilidade acontecida *como* possibilidade existencial. A vinculação ao possível como possível também é uma dominância do possível na situação da decisão. De um lado, a efetividade fáctica perde primazia na compreensão do passado, que passa a ser entendido como sendo as projeções de outros em possibilidades existenciais. De outro lado, a efetividade fáctica pessoal é compreendida como relativa à projeção em possibilidades existenciais, o que acontece como despresentificação (*Entgegenwärtigung*) e desabituação (*Entwöhnung*) do que é atual e usual na identidade impessoal (HEIDEGGER, 1977, p. 517). A constância de si, por seu turno, é a formação da necessidade existencial, como escolha não contingente e não ambígua a partir de um horizonte reduzido de possibilidades não contingentes. No âmbito da existência, o possível também possui primazia sobre o necessário. A preponderância do possível sobre o efetivo, que “desefetiva” presente e passado existenciais ao formar necessidade na existência, é o “retorno” do possível (“*Widerkehr*” *des Möglichen*, HEIDEGGER, 1977, p. 517). Caso essa análise seja plausível, então o enigma do movimento pode ser situado no âmbito de uma dinâmica modal. Contudo, longe de abrir um horizonte de soluções, o que se obtém é um campo de novas perguntas. Algumas delas são registradas a seguir e sinalizam as linhas de continuidade que podem levar a uma noção existencial de

individação.

### **Problemas modais no enigma do movimento**

Neste artigo esbocei uma interpretação da individação existencial a partir da análise feita por Heidegger do movimento histórico. No campo dos entes primariamente históricos, a dinâmica consiste formalmente na mudança da dispersão para a constância de si. A individação existencial acontece na mobilidade entre dispersão e constância. A formação da individação constante, na historicidade autêntica, ocorre como retomada do possível a partir da decisão precursora da morte. Nesse momento da análise, introduzi, como estratégia de aproximação ao enigma do movimento, a consideração sobre a dimensão modal do movimento histórico. No modo autêntico, a historicidade corresponde à formação de necessidade na existência a partir da preponderância do possível. A retirada da ambiguidade e da contingência na escolha das possibilidades, ao acontecer com base no ser-para-a-morte, evidencia a primazia do possível na existência. A formação de individação na existência corresponde, no nível modal, à preponderância do possível.

Note-se que essa interpretação não soluciona nem elimina o enigma do movimento. Porém, visando o acontecer da existência numa perspectiva modal, ela também ressalta os limites da análise existencial. Com isso, surgem novas perguntas. Um dos limites da análise da historicidade reside na exclusão da questão sobre qual será a possibilidade facticamente escolhida por um ser humano que se decida no colapso da significatividade. Tal resposta ultrapassa o poder da interpretação fenomenológica, que se restringe a indicar a proveniência tradicional das possibilidades que estarão abertas para a decisão (HEIDEGGER, 1977, p. 506). Heidegger ainda acrescenta que a possibilidade somente retorna se a existência estiver aberta para ela na retomada decidida (HEIDEGGER, 1977, p. 517). Tal abertura é condicionada pela antecipação decidida da morte, que não pode ser extraída de alguém nem delegada a outrem. Porém, a análise existencial não consegue estabelecer a efetivação da abertura para o possível.<sup>10</sup> Além disso, a ocorrência de uma decisão na existência de alguém não retira de outros a responsabilidade por suas próprias decisões:

Na medida em que a autenticidade do ser-aí reside na originariedade da

---

<sup>10</sup> Isso não exclui uma fenomenologia da atmosfera de vinculação (*Stimmung*) ao retorno do possível, indicada como sendo a fidelidade (*Treue*) da existência ao si mesmo próprio e que também é o respeito (*Ehrfurcht*) frente às possibilidades retornáveis da existência (HEIDEGGER, 1977, p. 516).

decisão, esta não pode ser nem facilitada nem subtraída da próxima geração. Caso tenha se compreendido na autenticidade de seu ser, cada tempo tem de começar “de novo”. Quanto mais originariamente o consiga, tanto mais histórico ele será (HEIDEGGER, 2004, p. 94).

Se essas questões integram o enigma do movimento, então ele permanece como enigma na análise existencial da historicidade e da individuação. Nos limites da análise, porém, abrem-se novos problemas. No seu aspecto modal, por exemplo, a individuação autêntica acontece com a preponderância do possível sobre o efetivo. Num certo sentido, contudo, ela é também a formação de necessidade existencial. Em um significado estritamente existencial, a necessidade desloca-se para o domínio da projeção em possibilidades. Assim, qual é a natureza dessa mudança nas modalidades existenciais? Se a dinâmica não é apenas causal ou lógica, qual é a natureza do movimento nas possibilidades existenciais que está presente na individuação histórica?

Entretanto, o problema da necessidade existencial não se encerra na formação de uma individuação por constância de si mesmo, mas se deixa formular em termos de limitação da historicidade. De acordo com a analítica existencial, o modo de ser da existência é originariamente histórico. Isso implica uma saturação de historicidade no campo intencional em que acontece a existência humana. O problema dos limites do histórico aparece, então, como a questão de se a dinâmica histórica é completamente autossuficiente. Em outros termos, o movimento histórico pode sofrer condicionamentos originados de um modo de ser não histórico? A classe dos fenômenos intermediários, reconhecidos por Heidegger na elucidação do fenômeno existencial da morte (HEIDEGGER, 1977, p. 328), oferece um campo para examinar em mais detalhe essa questão. Para o problema da individuação, porém, a questão dos limites da historicidade significa a perspectiva de uma noção existencial de individuação que integre de maneira não redutiva a dinâmica histórica e seus limites.

Por outro lado, considerando a dependência da historicidade dos entes mundi-históricos em relação à historicidade de mundo e da existência humana, haveria uma dimensão modal específica no movimento histórico dos entes intramundanos? O caso, apontado por Heidegger, de um anel sendo entregue e usado, exemplifica uma mudança no próprio anel. Mas, que mudança seria essa? Nela também há uma dimensão modal? Além disso, poderia haver uma dependência simétrica, ou seja, que também a historicidade da existência estivesse condicionada pela historicidade dos entes intramundanos e de mundo? Nessa questão, insinua-se a incompletude da análise existencial da historicidade, pois são sugeridos um movimento e uma historicidade não apenas existenciais.

Esse ponto foi reconhecido por Heidegger ao analisar a dinâmica específica de mundo. Ingressando no mundo, os entes intramundanos tornam-se históricos. Isso ocorre com a abertura de mundo na compreensão de ser. Aparentemente, aqui está implicada uma dinâmica própria da compreensão de ser, uma história do desvelamento dos diferentes modos de ser. De modo estrito, essa seria a história do ser-aí na existência humana:

Esta compreensão de ser não é um mero saber do ser, que nos permanece de pronto e na maior parte das vezes oculto, mas o acontecer fundamental do próprio ser-aí. Apenas a partir e sobre o fundamento desta história original do ser-aí é possível a existência do homem (HEIDEGGER, 2016b, p. 237).

Esse é um tema conhecido no projeto da ontologia fundamental, no qual é preciso diferenciar a analítica da existência em relação à antropologia. Contudo, o reconhecimento de uma história específica da compreensão de ser implica que a individuação existencial é uma função da mobilidade e da historicidade da abertura para os modos de ser. Concebendo os modos de ser como condições de identidade, haveria então uma dinâmica das próprias condições de identidade, e não apenas uma dinâmica de individuação interna ao modo da existência. Sob a ótica aqui adotada, seria natural indagar se a abordagem modal poderia ser prolongada para a história da compreensão de ser. Em caso afirmativo, ela facultaria uma abordagem da unidade do campo histórico, ou seja, uma análise integral da historicidade da compreensão de ser, da existência e do mundi-histórico? Nesse ponto, a questão do significado da necessidade no âmbito histórico adquire uma acepção adicional, na medida em que, sem o desvelamento dos modos de ser, não haveria intencionalidade para entes. Temos, aqui, o problema da necessidade manifesta (ROUSE, 2005, p. 31).

Como já dito, essas questões não implicam uma eliminação ou solução do enigma do movimento. Eles indicam, ao contrário, que a formulação de uma noção de individuação existencial com base na análise da historicidade precisa lidar com problemas filosóficos adicionais. Não obstante, a perspectiva modal, concebida no marco do pluralismo ontológico<sup>11</sup>, oferece uma direção de continuidade não tão desencorajadora. Nela se abrigam, porém, novos e insuspeitos enigmas.

## Referências

CERBONE, David. Composition and constitution: Heidegger's Hammer. **Philosophical**

---

<sup>11</sup> Sobre o pluralismo ontológico de *Ser e tempo*, ver McDaniel (2009), McMannus (2013) e Kelly (2014.)



**Topics**, vol. 27, n. 2, p. 309-329, set./nov. 1999.

CROWELL, Steven. Authentic historicallity. *In*: CARR, D.; CHEUNG, C.-F. **Space, time, and culture**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2004, p. 57-71.

HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1977.

\_\_\_\_\_. **Die Grundbegriffe der Metaphysik**. Welt – Endlichkeit – Einsamkeit. Frankfurt Vittorio Klostermann, 1983.

\_\_\_\_\_. **Der Begriff der Zeit**. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2004.

\_\_\_\_\_. Wilhelm Diltheys Forschungsarbeit und der gegenwärtige Kampf um eine historische Weltanschauung. *In*: HEIDEGGER, M. **Vorträge. Teil 1: 1915-1932**. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2016a, p. 215-251.

\_\_\_\_\_. Philosophische Anthropologie und Metaphysik des Daseins. *In*: HEIDEGGER, M. **Vorträge. Teil 1: 1915-1932**. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2016b, p. 105-157.

KELLY, Howard. **Heidegger the metaphysician: modes-of-being and Grundbegriffe**. *European Journal of Philosophy*, v. 24, n. 3, p. 670-693, set. 2014.

MCDANIEL, Kris. Ways of being. *In*: CHALMERS, D.; MANLEY, D. & WASSERMAN, R. **Metametaphysics: new essays on the foundations of ontology**. Oxford: Oxford University Press, 2009, p. 290-319.

MCMANUS, Denny. **Ontological pluralism and the *Being and Time* project**. *Journal of the History of Philosophy*, vol. 51, n. 4, p. 651-673, out. 2013.

O'BYRNE, Anne. Birth and death. *In*: RAFFOU, F.; NELSON, E. S. **The Bloomsbury companion to Heidegger**. London: Bloomsbury, 2013, p. 263-267.

ØVERENGET, Einar. **The Presence of Husserl's theory of wholes and parts in Heidegger's phenomenology**. *Research in Phenomenology*, vol. 26, n. 1, p. 171-197, 1996.

REIS, Róbson. **O outro fim para o *Dasein*: o conceito de nascimento na ontologia existencial**. *Natureza Humana*, vol. 6, n. 1, p. 53-77, jan./jun. 2004.

\_\_\_\_\_. **Aspectos da modalidade**. A noção de possibilidade na fenomenologia hermenêutica. Rio de Janeiro: Via Verita, 2014.

\_\_\_\_\_. **Historicidade e necessidade existencial em Ser e tempo de Martin Heidegger**. *Filosofia Unisinos*, vol. 17, n. 1, p. 2-12, jan./abr. 2016.

ROUSE, Joseph. **How scientific practices matter**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 2005.

RUIN, Hans. **Enigmatic origins. Tracing the theme of historicity through Heidegger's work**. Stockholm: Almqvist & Wiksell International, 1994.

THOMPSON, Ian. Death and Demise in *Being and Time*. In: WRATHAL, M. **The Cambridge Companion to Heidegger's Being and Time**. New York: Cambridge University Press, 2013, p. 260-290.

WALTON, Roberto. Temporeidad y historicidad. In: RODRÍGUEZ, R. (ed.). **Ser y Tiempo de Martin Heidegger**. Un comentario fenomenológico. Madrid: Tecnos, 2015, p. 371-395.